

Orquestra Barroca

Casa da Música

Remix Ensemble

Casa da Música

Andreas Staier *cravo e direcção musical*

Peter Rundel *direcção musical*

Jonathan Ayerst *piano*

6 Nov 2018

19:30 Sala Suggia

–

À VOLTA DO BARROCO

ANO ÁUSTRIA



casa da música

MEGENAS CICLO BARROCO BPI



BPI



Andreas Staier e Peter Rundel
sobre o programa do concerto.

<https://vimeo.com/298164076>

PORTRAIT GEORG FRIEDRICH HAAS VI - COMPOSITOR EM RESIDÊNCIA

O programa apresentado pela Orquestra Barroca Casa da Música e Andreas Staier nos concertos de 4 e 6 de Novembro foi editado pela Harmonia Mundi em CD – este encontra-se à venda na Loja Casa da Música. O programa tem sido apresentado em digressão nas seguintes salas de concerto:


30 Jan 2018 | Dijon – Opéra

31 Jan 2018 | Ludwigshafen am Rhein – BASF

03 Nov 2018 | Sintra – Noites de Queluz, Palácio de Queluz

09 Nov | Viena – Konzerthaus, Mozart-Saal

APOIO PORTRAIT GEORG FRIEDRICH HAAS

 ernst von siemens
music foundation

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

 resco
RESEARCH
AND
CONSERVATION
OF
SOUND

 REMA
RESEARCH
AND
CONSERVATION
OF
MUSIC

 EUROPE JAZZ NETWORK

 ECHO
EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

 TENSO

1ª PARTE

Orquestra Barroca Casa da Música

Andreas Staier *cravo e direcção musical*

Domenico Scarlatti (arranjo de **Charles Avison**)

Concerto n.º 5 em Ré menor (pub.1738-39/1744; c.8min)

1. *Largo*
2. *Allegro*
3. *Andante moderato*
4. *Allegro*

Carlos Seixas

Concerto para cravo em Lá maior (c.1730; c.6min)

1. *Allegro*
2. *Adagio*
3. *Giga: Allegro*

Domenico Scarlatti

Duas Sonatas para cravo em Mi maior, K. 380 e K. 381 (c.1719-57; c.7min)

Luigi Boccherini (transcrição de **Andreas Staier**)

Quintettino op. 30 n.º 6, "La Musica Notturna delle strade di Madrid" (1780; c.16min)

1. *Ave Maria (Imitando il tocco dell'Ave Maria della Parrocchia)*
2. *Minuetto*
3. *Rosario*
4. *Los Manolos. Passa Calle*
5. *Ritirata con variazioni*

2ª PARTE

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel *direcção musical*

Jonathan Ayerst *piano*

Georg Friedrich Haas

im Schatten der Harfe (2018; c.15min)

(Estreia mundial; encomenda Casa da Música, ACHT BRÜCKEN | Musik für Köln e oenm . österreichisches ensemble für neue musik)

Beat Furrer

Concerto para piano e ensemble (2007; c.18min)

(Estreia em Portugal)

A veneração por **Domenico Scarlatti** (Nápoles, 1685 – Madrid, 1757), manifestada em Inglaterra indistintamente por músicos profissionais e pelo público em geral ao longo do século XVIII, é bem reveladora do precoce gosto britânico pela música da Península. Foi este “culto de Scarlatti” que abriu caminho para que, ao longo do século, o público e os editores ingleses mostrassem interesse nos compositores portugueses ou residentes em Portugal, publicando em Londres obras de António Pereira da Costa, Pedro António Avondano, António Rodil e David Perez. Este “culto” foi iniciado por Thomas Roseingrave (1690/91-1766) quando do seu encontro com Scarlatti em Itália, e foi por seu intermédio que Londres assistiu em 1720 à sua ópera *Narciso*.

Terá sido ainda por seu intermédio que Scarlatti visitou Londres, quando ainda vivia em Lisboa, mas a sua fama em Inglaterra ganhou novo ímpeto com a publicação em 1738 dos *Essercizi per gravicembalo* dedicados ao rei português D. João V, e pela quase contemporânea edição de *XLII Suites de pièces pour le clavecin*, a cargo do próprio Roseingrave, em 1739. Foram estas as edições que providenciaram a **Charles Avison** (Newcastle, 1709 – 1770) o material que utilizou nas suas imaginativas transcrições de várias sonatas de Scarlatti, organizadas em concertos grossos e publicadas em 1744. Avison foi bem sucedido nestes seus arranjos, tendo em conta não ser fácil nem imediata a adaptação da muito idiomática escrita cravística de Scarlatti a um outro meio instrumental. Procurou sempre que possível “modernizar” o estilo audaz mas algo arcaizante do italiano, e para isso sistematizou a forma, eliminou repetições, regularizou frases,



limou dissonâncias e simplificou texturas. Os mais acérrimos defensores da impetuosidade scarlattiana criticam a atitude ‘civilizadora’ de Avison, mas estes procedimentos foram indispensáveis para a adaptação efectiva ao novo meio e ao novo gosto. No **Quinto Concerto**, tal como em todos os da colecção, ambos os andamentos rápidos são extraídos dos *Essercizi* (n.º 11 e n.º 5). O terceiro andamento (que excepcionalmente não é lento, mas antes um *Andante moderato*) é baseado na *Fuga* que conclui a edição de Roseingrave (n.º 42) aqui muito encurtada e simplificada. Já a origem do *Largo* inicial, apesar de ser um dos mais belos e envolventes de toda a recolha, permanece por identificar, podendo tratar-se de uma sonata de Scarlatti hoje perdida ou de uma composição original do próprio Avison.

As **Sonatas K. 380 e K. 381** não pertencem às colecções londrinas mas sim aos manuscritos da Biblioteca Nacional Palatina em Parma

(Itália). Aqui chegaram através do cantor castrado Carlo Broschi, dito Farinelli, que as recebeu como herança da sua amiga e protectora D. Maria Bárbara de Bragança, rainha de Espanha, para quem foram compostas. O altíssimo virtuosismo exigido na execução da maioria das sonatas de Scarlatti deve-se à grande capacidade técnica de D. Maria Bárbara. A maior parte destas sonatas foram escritas para serem interpretadas aos pares, constituídos por duas obras contrastantes ou até bastante similares. A brilhante e arrebatada Sonata K. 380 em Mi maior é assim antecedida pela Sonata K. 381, na mesma tonalidade. Esta é uma das belíssimas e raras sonatas lentas de Scarlatti: uma melodia de gracioso *cantabile* é interrompida por fanfarras sugestivas dos toques de trompa usados na corte quando das excursões de caça.

Apesar do seu grande prestígio nacional e dos elogios de Scarlatti, o português **José António Carlos de Seixas** (Coimbra, 1704 – Lisboa, 1742) nunca recebeu qualquer reconhecimento internacional. Jovem prodígio, sucedeu ao seu pai no posto de organista da catedral de Coimbra antes de rumar à capital, onde, até à sua morte precoce, ocupou igual posição na Capela Real e Patriarcal. Embora nunca tenha sido enviado a estudar em Itália como bolseiro real, participou activamente na italianização da vida musical da corte, escrevendo música sacra e serenatas, mas sobretudo absorvendo as mais recentes novidades estilísticas e formais da música instrumental. Apesar da importância da tradição ibérica na sua formação, Seixas foi inovador e experimental, sendo creditado como um dos inventores do concerto para instrumento de tecla. Podem ser-lhe atribuídas com segurança duas obras nesta forma: o Concerto em Lá maior, preservado num manuscrito da

Biblioteca do Palácio Real da Ajuda, em Lisboa, e o Concerto em Sol menor, conservado num manuscrito da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, e originário do Mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade.

O **Concerto em Lá maior** possui três andamentos e conclui com uma dança vigorosa. O andamento lento central é uma expressiva cantilena para cravo solo com um discreto acompanhamento orquestral. Este é um dos mais antigos concertos para cravo: terá sido escrito o mais tardar no início da década de 1730 e segue de perto o modelo vivaldiano. Com uma escrita melodiosa, é uma obra encantadora mas muito breve. Tanto Seixas como Scarlatti apontam inegavelmente para novas direcções estilísticas, numa musicalidade ora impetuosa e apaixonada, ora terna e melancólica. Essa expressividade tornar-se-á paradigmática na música ibérica tal como a concebemos no século XXI, nomeadamente em géneros tradicionais como o fado e o flamenco.

Como Scarlatti, **Luigi Boccherini** (Luca, 1743 – Madrid, 1805) foi igualmente muito permeável às influências do folclore ibérico. Não obstante o seu proverbial isolamento ao serviço do infante D. Luís de Bourbon, o virtuoso violoncellista manteve contactos com editores em Paris e Viena. Trabalhou igualmente para notáveis patronos estrangeiros, como o príncipe Frederico Guilherme da Prússia, e ibéricos, como o comerciante português Pacheco e a família madrilena Benavente-Osuma. Boccherini (tal como Scarlatti) percebeu que a receita para o sucesso residia em combinar as suas raízes italianas com as poderosas tradições musicais locais. Portugal e Espanha possuíam um rico passado musical de que muito se orgulhavam mas estavam abertos às inovações. Era necessário, no entanto, para alcançar pleno



-Marias até ao toque da Retirada. Tudo aquilo que não é conforme ao rigor do Contraponto é porque se sujeita à veracidade da coisa que se pretende representar”. Imaginativamente os curtos andamentos ilustram em sucessão: os sinos da igreja paroquial que marcam o fim do trabalho com o *Angelus*; o soar do tambor dos soldados fazendo a última ronda; o rude minueto dos cegos, que deve ser tocado “com aspereza” e “desajeitadamente”, com os violoncelos sobre os joelhos, imitando as guitarras *rasgueadas* pelos mendigos; a melodia “doce e com graça” mas algo lamentosa, evocando a oração do Rosário na igreja, interrompida quer pelo toque de uma pequena campainha de sacristia, quer pelos clamores exclamativos da oração; a algazarra alegre e perturbadora dos rufiões (os *manolos* ou *majos*) saídos das oficinas ou no regresso dos campos, a caminho das tabernas, entoando canções e danças populares através das ruas (*passa calle*); e, finalmente, a Marcha de Retirada das guarnições nocturnas, impondo o toque de recolher que encerrava as ruas e portas da cidade. Este tema com variações, que não constava da versão original da obra, foi mais tarde reempregado por Boccherini em duas outras composições: um quinteto com guitarra e um quinteto com piano, o que parece comprovar a grande popularidade deste original andamento. A marcha “começa a escutar-se muito longinquamente, devendo tocar-se tão piano que dificilmente se escute”; ouve-se depois a guarnição passar pela rua, bem perto, talvez debaixo das nossas janelas, para logo desaparecer no silêncio da noite, ao voltar de uma esquina.

FERNANDO MIGUEL JALÔTO, 2018

êxito, encontrar um delicado equilíbrio entre as novas modas e estilos importados e a omnipresente tradição. Com esse fim, os compositores recorriam ao extenso repertório de danças regionais (como seguidillas, jácaras ou o famoso fandango), a imitações de instrumentos populares (castanholas, guitarras, etc.) e, ocasionalmente, a ruídos evocadores da paisagem sonora local, como o toque dos sinos, os pregões dos vendedores, os clamores dos pedintes ou o simples canto dos pássaros.

Musica notturna delle strade di Madrid foi originalmente escrita para dois violinos, viola e dois violoncelos. Boccherini pinta, com inegável e original maestria, um retrato com marcados rasgos goyescos da palpitante vida da capital espanhola ao anoitecer. O compositor deixa-nos a muito interessante nota: “Este pequeno quinteto [Quintettino] representa a música que passa de noite pelas ruas de Madrid, começando com o som das Avé-

Em 1982, **Georg Friedrich Haas** (Graz, 1953) compôs uma obra para dois pianos intitulada *Hommage à Steve Reich*. A música de Haas alude claramente, pelo ritmo e pela textura pianística, à obra *Piano Phase* de Steve Reich, igualmente para dois pianos. Há, contudo, uma diferença evidente: a música de Haas soará, à maior parte dos ouvidos, algo “desafinada”, enquanto a de Reich parece ter uma sonoridade mais “normal” (encontram-se facilmente gravações das duas peças no YouTube).

A razão para tal discrepância prende-se com o sistema de afinação. Enquanto Reich afina ambos os pianos com o chamado *temperamento igual*, em que cada oitava é dividida em 12 notas equidistantes (em distâncias sucessivas de meio-tom), Haas afina os dois pianos de modo ligeiramente desfasado, permitindo-lhe criar uma afinação *microtonal* em que a oitava é dividida em 24 notas (à distância de um quarto-de-tom). Ora, o temperamento igual tem dominado a música no Ocidente desde o século XVIII. Por essa razão, a generalidade dos ouvintes está tão habituada a este sistema que tende, numa primeira audição, a considerar *desafinado* qualquer outro sistema.

Na música anterior ao século XVIII utilizavam-se, efectivamente, outros sistemas de afinação, como a pitagórica, a ptolomaica ou a mesotónica – sistemas recuperados, nos nossos dias, pela interpretação historicamente informada da música antiga. Do mesmo modo, muitos compositores do século XX experimentaram novos sistemas, como dividir a oitava em mais do que 12 partes, seja em 24 (caso de Ives e Wyschengradsky), 43 (Partch) ou mesmo 72 (Hába). Outros exploraram a *afinação natural*, em que as notas são afinadas de modo a corres-



ponderem exactamente à ressonância natural da série de harmónicos (algo que não é possível no temperamento igual) e conseguir assim um efeito de grande eufonia harmónica, em que todas as notas se fundem perfeitamente umas com as outras (é o caso de Grisey e Murail, os compositores da chamada música espectral).

Georg Friedrich Haas é, em pleno século XXI, um dos grandes continuadores dessa tradição experimental, recorrendo tanto à divisão da oitava em mais do que 12 notas (como em *Hommage à Steve Reich*) como à afinação natural. Pudemos testemunhá-lo, na verdade, em todas as suas peças que foram tocadas este ano na Casa da Música, incluindo *in vain, dark dreams* e, mais recentemente, *Wohin bist du gegangen?* (obra para coro e ensemble). Até em *Torso*, orquestração de uma sonata para piano de Schubert, Haas utiliza esses procedimentos. O uso dessas técnicas permite-lhe criar novos universos harmónicos e tímbricos,

que vão desde a plenitude e consonância da fusão proporcionada pela série de harmónicos até às mais agrestes e dissonantes combinações de sons.

A peça que hoje ouvimos – ***im Schatten der Harfe***, cujo título se traduz, literalmente, por *à sombra das harpas* – representa mais um passo nessa investigação de Haas. Como sugere o título, as harpas têm um papel central. Em concreto, Haas utiliza duas harpas, uma delas afinada de modo normal (usando o temperamento igual) e a outra de um modo peculiar, em que cada corda tem uma afinação muito específica (uma delas, por exemplo, 19% de um meio-tom acima do normal). Na verdade, esta harpa alternativa tende até a ser mais usada do que a harpa “normal”, criando ou sonoridades muito consonantes baseadas na série de harmónicos (no final da peça) ou uma estranha, dissonante e inaudita sonoridade (no início). Os outros instrumentos são, de facto, sombras da harpa, na medida em que reagem ao que ela toca, imitando a sua afinação, como se prolongassem a sua reverberação no tempo e no espaço.

Encomendada pela Casa da Música e concluída em Nova Iorque a 6 de Agosto de 2018, a obra é hoje apresentada em estreia absoluta.

DANIEL MOREIRA, 2018

Beat Furrer nasceu em Schaffhausen, na Suíça, em 1954. Mudou-se para Viena em 1975 e é, por isso, considerado um compositor austríaco. É um compositor muito celebrado no centro da Europa e goza de um prestígio bastante apreciável. O seu professor de composição mais relevante foi Roman Haubenstock-Ramati. Furrer é também maestro, arte que estudou com Otmar Suitner. São ainda de mencionar os seus importantes encontros com Luigi Nono. Fundou, em 1985, o ensemble Klangforum Wien,



ainda hoje considerado um dos mais importantes ensembles dedicados à música contemporânea. A peça *Gaspra* (1988) é emblemática da formação inicial desse ensemble, tendo gradualmente assumido o estatuto de peça de repertório.

Furrer tem escrito para uma diversidade de géneros e instrumentações. Em 1989 estreou a ópera *Die Blinden* no teatro Odeon em Viena, encomenda da Ópera do Estado de Viena. Em 1994 deu continuidade à escrita para palco com a ópera *Narcissus*, levada à cena na Ópera de Graz, cidade onde ensina composição desde 1991. Também o teatro musical tem sido um género importante para Furrer: *Begehren* (2001) e *Fama* (2005) são exemplos importantes. Na música orquestral destacam-se as peças *Chiaroscuro* (1983/86), *Risonanze* (1988), *Face de la chaleur* (1991) e *Madrigal* (1992).

A respeito da sua atitude composicional, Furrer diz o seguinte: “Para cada peça, quero

criar um novo material e uma nova relação entre os intervalos. A composição não me interessaria se, ao invés de dar um passo numa direcção nova, tivesse a impressão de estar a reproduzir um conceito já conhecido.” A respeito dum possível conceptualismo, refere: “(...) examino continuamente a relação entre o conceito formal e a necessidade subjectiva de expressão, tendo como resultado a revisão e eventualmente a eliminação do conceito”. As artes plásticas são uma fonte de inspiração confessa. A peça *Nuun* (1996), para dois pianos e ensemble, por exemplo, é baseada nas pinturas monocromáticas de Yves Klein (França, 1928-62).

O **Concerto para piano e ensemble** foi composto em 2007, tendo sido estreado, sob a direcção do compositor, em Janeiro de 2008 no *Centre Pompidou* (Dimitri Vassilakis, piano, Ensemble intercontemporain). Sobre a composição desta peça, Furrer diz que: “Estava sobretudo preocupado em dar ao piano uma ressonância ao longo da obra mas também em manter a plasticidade do seu som. O som do piano permanece sempre o centro de gravidade, funcionando a orquestra como um amplificador que lhe dá espaço.” Note-se a opção engenhosa de haver na instrumentação dois pianos: o piano concertante e o piano do ensemble. Há nitidamente dois planos musicais – o piano tocado pelo solista e o ensemble – que não são apenas triviais. Temos frequentemente a impressão de que o ensemble se comporta como uma espécie de sintetizador e/ou processador, cujos efeitos se assemelham às sonoridades electroacústicas. Em termos formais, a peça desenrola-se, grosso modo, em 5 secções, com as três primeiras em crescendo de tensão e intensidade. Essa energia é libertada na quarta secção, caracterizada por lentidão, simplicidade e muito pouca densidade. A última secção reinstala a actividade de forma abrupta, com

sons muito agudos insistentes e perturbadores. Este sinal abre caminho à reexposição de materiais anteriores que de forma sequencial nos conduzem à desinência, à rarefacção.

GONÇALO GATO, 2018

Andreas Staier

cravo e direcção musical

A inegável mestria musical de Andreas Staier revela-se na interpretação do repertório barroco, clássico e romântico em instrumentos de época. Reconhecido no meio especializado e por um vasto público, Staier continua a mostrar seguir altos padrões intelectuais e artísticos não só nas obras conhecidas mas também naquelas mais negligenciadas entre o repertório para teclado.

Andreas Staier nasceu em Göttingen, em 1955, e estudou piano moderno e cravo em Hanôver e Amesterdão. Durante três anos, foi cravista do Musica Antiqua Köln, com o qual fez numerosas gravações e digressões. Como solista, toca por toda a Europa, Américas e Ásia com orquestras como Concerto Köln, Freiburger Barockorchester, Akademie für Alte Musik Berlin, Sinfónica hr de Frankfurt, Orchestre des Champs-Élysées em Paris e Orquestra Barroca Casa da Música. Como intérprete de obras para piano moderno, é regularmente convidado da Sinfónica do Quebeque, da Sinfónica da Rádio de Berlim, da Filarmónica de Monte Carlo, da Sinfónica do Estado de São Paulo e da Sinfónica Yomiuri Nippon.

É convidado frequentemente para importantes festivais internacionais, tais como: La Roque d'Anthéron, Saintes, Montreux, Edimburgo, Schlweswig-Holstein, York Early Music Festival, Festival Lufthansa de Música Barroca, Styriarte Graz, Schubertiade Schwarzenberg, Bach-Fest Leipzig, Bachtage Berlin, Bachwoche Ansbach e Kissinger Sommer. Tem-se apresentado nas principais salas de concerto do mundo. É solista convidado regular da BBC.

Em música de câmara, Andreas Staier toca regularmente com Christine Schornsheim,

Alexander Melnikov e Tobias Koch, as violinistas Petra Müllejans e Isabelle Faust, e em trio com o violinista Daniel Sepec e o violoncelista Roel Dieltiens. Tem também colaborado com as atrizes Senta Berger e Vanessa Redgrave e com Anne Sophie von Otter, Alexej Lubimov e Pedro Memelsdorff. Tem uma parceria com o tenor Christoph Prégardien, com quem gravou *lieder* de Schubert, Schumann, Mendelssohn, Beethoven e Brahms, sob o aplauso da crítica internacional.

A sua extensa discografia para as editoras BMG, Teldec Classics e Harmonia Mundi France (para a qual grava desde 2003) conquistou importantes prémios da crítica internacional. Nestes incluem-se um Diapason d'or por *Am Stein vis-à-vis* com Christine Schornsheim (Mozart), o Preis der Deutschen Schallplattenkritik 2002 e, em 2011, o Gramophone Award na categoria de Barroco Instrumental pelos concertos de C. P. E. Bach com a Freiburger Barockorchester. A gravação das *Variações Diabelli* foi aclamada pela crítica: Diapason d'Or, E/Scherzo, G/Gramophone, 10/10 Classica e Disco do Mês da BBC Music Magazine. Seguiu-se uma selecção de obras alemãs e francesas do século XVII para cravo, *...pour passer la mélancolie*, pela qual Staier recebeu o seu segundo Gramophone Award em 2013. Gravou música de Schubert para quatro mãos com o pianista Alexander Melnikov, um projecto que terá uma digressão pelas Américas em 2020. Recentemente gravou dois discos de obras a solo de Beethoven, assinalando o 250º aniversário do compositor em 2020.

Artista associado da Ópera de Dijon desde Setembro de 2011, Andreas Staier foi artista em residência da Wissenschaftskolleg, em Berlim, na temporada 2017/18.

Peter Rundel *direcção musical*

A profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par de uma grande criatividade dramática, tornou Peter Rundel um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias. É convidado regularmente para dirigir a Orquestra da Rádio da Baviera, a Orquestra Sinfónica Alemã de Berlim e as Sinfónicas das Rádios NDR e WDR de Colónia, desenvolvendo uma colaboração de grande proximidade com a Sinfónica SWR. Trabalhou também recentemente com a Orquestra Nacional de Lille, a Filarmónica do Luxemburgo, a Filarmónica de Bruxelas, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino e a Orquestra do Teatro dell'Opera em Roma.

Depois de uma abertura auspiciosa da temporada 2017/18 no Festival de Salzburgo (dirigindo um projecto com Martin Grubinger) e no Musikfest Berlin (dirigindo a Sinfónica SWR), estreia-se com a Sinfónica de Viena e regressa a grandes orquestras como a Sinfónica da Rádio de Frankfurt, a Sinfónica da Rádio da Baviera e a Filarmónica da Radio France.

Dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera do Estado da Baviera, no Festwochen de Viena, na Ópera Alemã de Berlim, no Gran Teatre del Liceu, no Festival de Bregenz e no Schwetzingen SWR Festspiele, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Peter Mussbach, Philippe Arlaud, Heiner Goebbels, Reinhild Hoffmann, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional (dirigiu *A Flauta Mágica* na Ópera Alemã de Berlim e *König Kandaules*, *Hänsel und Gretel* e *As Bodas de Fígaro* na Volksoper de Viena) e também

produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht e Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug – die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen* e *La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Em 2016 e 2017, Peter Rundel dirigiu *De Materie* de Heiner Goebbels no Armory Hall de Nova Iorque e no Teatro Argentino La Plata, uma produção que estreou na Ruhrtriennale em 2014.

Peter Rundel nasceu em Friedrichshafen (Alemanha) e estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov em Colónia, Hanôver e Nova Iorque, e direcção com Michael Gielen e Peter Eötvös. O compositor Jack Brimberg foi também um dos seus mentores em Nova Iorque. Entre 1984 e 1996, integrou como violinista o Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Na área da música contemporânea tem desenvolvido colaborações com o Ensemble Recherche, o Asko|Schönberg Ensemble e o Klangforum Wien. É convidado regular do Ensemble intercontemporain e do musikFabrik.

Foi Director Artístico da Orquestra Filarmónica Real da Flandres e o primeiro Director Artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 tornou-se maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música no Porto, e desde então tem obtido grande sucesso com este agrupamento em importantes festivais europeus.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo por várias vezes o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy Award.

Jonathan Ayerst *piano*

Jonathan Ayerst é pianista do Remix Ensemble Casa da Música desde 2000. Com este agrupamento, participou em festivais em Valência, Roterdão, Huddersfield, Barcelona, Estrasburgo, Paris, Orleães, Reims, Antuérpia, Madrid, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Amesterdão e Bruxelas, muitas vezes como solista. Tocou recentemente a obra *Islands* para piano e ensemble de Luca Francesconi na Tonhalle de Zurique.

Paralelamente, no Reino Unido, concluiu a gravação das obras para violino e piano de Franz Liszt para a Hyperion. Já se apresentou ao vivo na BBC Radio 3 e na FM Classic e deu vários recitais em salas como Wigmore Hall, Purcell Room e South Bank Centre em Londres. Foi organista principal na Igreja de St. Benet Fink em Londres e fez recitais de órgão na Alemanha, no Reino Unido e no Porto. Em 2009 foi galardoado com o ARCO (Associate of the Royal College of Organists), recebendo também o Prémio Sawyer and Durrant. Em 2011 foi nomeado Fellowship of the Royal College of Organists.

Em 2010 co-fundou o ensemble vocal Capella Duriensis, formado por cantores portugueses. O ensemble interpretou mais de 40 obras no seu primeiro ano de actividade. Em 2011, recebeu numerosos convites para se apresentar em festivais em Portugal Continental e nos Açores e gravou duas vezes para a União Europeia de Radiodifusão. Depois da residência em duas catedrais do Reino Unido em Agosto de 2012, a Capella Duriensis inicia este ano um projecto ambicioso de gravação de música sacra portuguesa para a Naxos. Em 2018 surgiu a terceira edição do “Summer Singing”, um curso de voz realizado em Braga

que dá formação a até oitenta cantores amadores e profissionais.

Nos últimos anos, Jonathan Ayerst tem desenvolvido um interesse pela psicologia musical, completando um mestrado nesta área na Universidade de Sheffield. Em 2016 recebeu a Charles Alan Bryars Organ Scholarship da mesma universidade, para iniciar o Doutoramento com o título *Um Estudo Psicológico da improvisação clássica com ênfase especial nas técnicas de aprendizagem*. Como parte do programa de doutoramento, completou recentemente um ano de estudos de improvisação com o organista e compositor Jürgen Essl na Musikhochschule de Estugarda.

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings *maestro titular*

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspectiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, a orquestra apresentou-se sob a direcção de Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Riccardo Minasi, Andrew Parrott, Rachel Podger, Christophe Rousset, Andreas Staier e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Andreas Staier, Roberta Invernizzi, Franco Fagioli, Peter Kooij, Dmitri Sinkovsky, Alina Ibragimova, Rachel Podger e agrupamentos como The Sixteen ou o Coro Casa da Música.

O cravista de renome internacional Andreas Staier escolheu a Orquestra Barroca Casa da Música para gravar o seu mais recente disco com os dois concertos de Carlos Seixas, uma colaboração que tem dado, ao longo de 2018, a actuações não só no Porto, como também na Ópera de Dijon, na BASF em Ludwigshafen am Rhein, na Konzerthaus de Viena e nas Noites de Queluz em Sintra. Numa temporada que promove o encontro com diferentes geografias, a Áustria está presente com Haydn e Mozart, destacando-se a interpretação do 1º Concerto para violino com Huw Daniel no papel de solista. É com o Barroco alemão que a orquestra celebra a Páscoa, num programa que inclui cantatas de Bach e o magnífico *Salve Regina* de Händel e assinala a estreia da aclamada soprano Marie Lys na Casa da Música. A extraordinária *Missa em Si menor* de Bach encerra o ano com chave-de-ouro no

Concerto de Natal partilhado com o Coro Casa da Música.

Os concertos da Orquestra Barroca têm recebido a unânime aclamação da crítica nacional e internacional. Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e, em 2012, a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida. Apresentou-se em digressão em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza), Inglaterra (Festival Handel de Londres) e França (Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay), além das actuações em várias cidades portuguesas – incluindo os festivais Braga Barroca e Noites de Queluz. Ao lado do Coro Casa da Música, interpretou Cantatas de Natal de Bach em concertos no Porto e em Ourense. Em 2015 estreou-se no Palau de la Musica em Barcelona, conquistando elogios entusiasmados da crítica. Ainda no mesmo ano, mereceu destaque a integral dos *Concertos Brandeburgueses* sob a direcção de Laurence Cummings e concertos para cravo com Andreas Staier.

A Orquestra Barroca Casa da Música editou em CD gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direcção de alguns dos mais prestigiados maestros da actualidade internacional.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel *maestro titular*

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de noventa obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman, Peter Eötvös, Paul Hillier, Titus Engel, Baldur Brönnimann, Heinz Holliger, Olari Elts e Pedro Neves, entre outros.

No plano internacional apresentou-se em Valência, Barcelona, Madrid, Ourense, Huddersfield, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Roterdão, Amesterdão e Luxemburgo, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se duas encomendas a Wolfgang Rihm, o concertino para piano *Jetzt genau!* de Pascal Dusapin, *Le soldat inconnu* de Georges Aperghis (uma encomenda da ECHO), *Da capo* de Peter Eötvös e a ópera *Giordano Bruno* de Francesco Filidei, apresentada no Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão. Fez a estreia mundial da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi, interpretada no Porto e em Estrasburgo, e apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender – ambos com encenação de Nuno Carinhas.

Em 2016 juntou-se à banda de rock Mão Morta para um programa com arranjos originais de Telmo Marques sobre o repertório do colectivo bracarense. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Em 2017 fez as estreias em Portugal de *Theseus Game* de Harrison Birtwistle e *Stabat Mater Dolorosa* de James Dillon, apresentando ainda o Concerto para violino de Ligeti com Ilya Gringolts.

Na temporada de 2018, o Remix Ensemble apresenta uma retrospectiva da obra de Georg Friedrich Haas que se inicia com *in vain* e inclui a estreia mundial de uma nova encomenda. Interpreta Anton Webern ao lado da soprano Christina Daletskia, Thomas Larcher com o barítono Benjamin Appl e música de Wolfgang Mitterer para um clássico do cinema expressionista: *O Gabinete do Doutor Caligari* de Robert Wiene, encomenda em parceria com a Philharmonie do Luxemburgo. Regressa à Elbphilharmonie de Hamburgo, ao de Singel de Antuérpia e à Philharmonie de Colónia, apresentando-se nesta última ao lado do pianista Andreas Staier.

O Remix tem desasseis discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn e Aperghis. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Barroca Casa da Música

Violino I

Huw Daniel
César Nogueira
Cecília Falcão
Manuel Maio

Violino II

Reyes Gallardo
Bárbara Barros
Prisca Stalmarski
Ariana Dantas

Viola

Raquel Massadas
Manuel Costa

Violoncelo

Filipe Quaresma
Vanessa Pires

Contrabaixo

José Fidalgo

Cravo

Fernando Miguel Jalôto

Remix Ensemble Casa da Música

Violino

Angel Gimeno
Corinna Canzian
Afonso Fesh

Viola

Trevor McTait
Alfonso Noriega

Violoncelo

Oliver Parr
Marco Pereira

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner
Mariana Portovedo

Oboé

José Fernando Silva

Clarinete

Victor Pereira
Ricardo Alves
Edgar Silva

Saxofone tenor

Romeu Costa

Fagote

Roberto Erculiani
Lurdes Carneiro

Trompa

Nuno Vaz
Pedro Fernandes

Trompete

Ales Klancar
Sérgio Pacheco

Trombone

Ricardo Pereira
Severo Rodriguez

Tuba

Adélio Carneiro

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos
Nuno Aroso

Piano

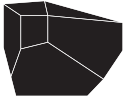
Jonathan Ayerst
Vitor Pinho

Harpa

Carla Bos

Acordeão

José Valente



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

